

CONSEQUÊNCIAS

PRÊMIO NOBEL DE ECONOMIA PREVÊ PREJUÍZO AO PAÍS, BACHA ESPERA MAIS INFLAÇÃO EM 2001 E MALAN NEGA REPASSE PARA A GASOLINA

BRASIL SOFRERÁ IMPACTO

Da Redação
Com Agência Estado e Folha

O petróleo voltou a subir e as bolsas de valores do mundo inteiro despencaram. Em Londres, o barril de referência mundial fechou a US\$ 34,55, uma alta de 8% em relação ao dia anterior. Em Nova York, os negócios da bolsa caíram a ponto de ter sido registrada a quinta maior queda de movimento em sua história. A Nasdaq, espaço de compra e venda de papéis de empresas tecnológicas, apresentou seu pior desempenho em 2000. O índice Dow Jones, que reúne as ações mais negociadas em Nova York, caiu quase 400 pontos e fechou em baixa de 3,64%. O índice Nasdaq recuou em 2,96%.

E o brasileiro, que estava de folga em pleno feriado enquanto o mundo girava, corre sério risco de sofrer muito no futuro por causa do tumulto de ontem. Além de importar 26% do petróleo que consome, o Brasil terá dificuldades em atrair temerosos investidores, controlar inflação, domar o déficit público e reduzir juros. Em síntese: o tão festejado crescimento econômico está ameaçado por causa de perspectivas de confronto lá no Oriente Médio.

Apesar de tudo, a assessoria de imprensa do Palácio do Planalto reafirmou ontem que não há previsão de aumento de combustível. Quem entende do assunto, porém, demonstra preocupação. Ganhador do prêmio Nobel de Economia deste ano, James Heckman disse ontem, no Rio, que teme dias ruins. "Um choque de petróleo é mau, causa desequilíbrios no resto da economia e certamente vai afetar todos os países, entre eles o Brasil".

O economista Edmar Bacha, um dos pais do Plano Real, disse que, se o petróleo ficar em US\$ 40 por barril, a inflação passará de 4% para 6% em 2001 e as importações do país terão custo adicional de US\$ 3 bilhões com petróleo e produtos correlatos. Bacha afirmou que, confirmada a hipótese da alta do petróleo, o PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro, a soma das riquezas do país, crescerá em 2001 apenas 4%, e não os 4,5% previstos pelo governo. Sua projeção de inflação considera que o governo repassará ao consumidor os custos do aumento do petróleo.

Essa possibilidade existe, em-

André Corrêa 12.1.00



MALAN CONCORDA COM REPASSE DE VARIAÇÕES INTERNACIONAIS AO PREÇO DA GASOLINA, MAS DESCARTA MUDANÇA AGORA

bora não seja decisão para já. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, admitiu ontem a vinculação do preço dos combustíveis no mercado interno à cotação internacional do petróleo.

PRESSÃO DO FMI
Com isso, tanto os aumentos quanto as reduções de preço no exterior seriam automaticamente repassados ao consumidor. "O aumento do petróleo não está em discussão, no momento, mas ninguém pode dar garantias de que ele não

será necessário", disse.

Segundo Malan, a medida é uma possibilidade que pode e deve ser considerada, sem açoitamento". O atrelamento dos combustíveis à cotação internacional do petróleo foi sugerida pelo diretor-gerente do Fundo Monetário International, Sy Fischer, que também estava no Rio ontem e foi o primeiro a desaconselhar a medida neste momento. Atualmente, o governo faz manobras contábeis junto com a Petrobras para evitar o repasse, mas o FMI é

contra o estratagema por prejudicar as contas públicas.

O diretor de Política Econômica do Banco Central, Ilan Goldfajn, disse que não está preocupado com a alta da cotação do petróleo ocorrida ontem, mas sim com o que possa ocorrer com o preço do produto dentro de um ou dois anos. "Só as altas permanentes são repassadas aos preços", disse Goldfajn. Ele lembrou que já houve momentos de grande volatilidade nas cotações, que não chegaram a afetar as expectativas dos preços futuros do petróleo.

OS PREJUÍZOS

DÉFICIT PÚBLICO

A Petrobras importa 400 mil barris de petróleo por dia e produz aqui mesmo 1,4 milhão. Ou seja, diariamente paga US\$ 13,6 milhões pelos barris importados, mas usa o valor de US\$ 8 milhões para fixar os preços de seus derivados — uma diferença de US\$ 5,6 milhões. O mesmo ocorre com os barris 100% nacionais, que poderiam ser cotados a preços internacionais para a definição dos valores de seus derivados, mas não o são para evitar consequências inflacionárias. Só aí, deixam de entrar mais US\$ 19,6 milhões por dia.

A diferença do perde-ganha vai para a conta-petróleo, uma espécie de "caixinha de créditos" da Petrobras junto ao Tesouro Nacional, que tira dinheiro de seus cofres para cobrir a lacuna entre os preços internacionais e os preços efetivamente realizados. Essa diferença é contabilizada como déficit público.

INFLAÇÃO

O petróleo é importante porque é um produto que serve não apenas para a produção de combustíveis, mas também para a fabricação de plásticos e até de asfalto. Se o preço dos combustíveis aumenta, fica mais caro transportar pessoas e coisas de um ponto a outro do planeta. Como o objetivo de qualquer empresa é lucrar, elas vão passar esse aumento de custos para o consumidor. É uma reação em cadeia, em que um setor vai passando para o outro o aumento do petróleo. A meta de inflação para este ano é de 6%

Analistas dizem que é grande a probabilidade de novo aumento nos preços dos combustíveis no final do ano, provavelmente em novembro. Esse aumento

teria como objetivo acompanhar a evolução do mercado mundial sem comprometer sua meta de inflação de 8% em 2000. Se esperar para passar a diferença em 2001, o governo corre risco de estourar os 4% prometidos ao Fundo Monetário International (FMI).

DESEMPREGO

Quando os preços dos produtos sobem para acompanhar custos, as pessoas deixam de comprá-los. Se isso acontece, as fábricas vão produzir menos e algumas vão demitir trabalhadores que estejam sobrando. O mesmo acontece no comércio. Quando há menos gente trabalhado, há menos dinheiro circulando e menos consumo. Queda no consumo significa desemprego.

JUROS

Dificilmente o Comitê de Política Monetária (Copom) vai mexer na taxa básica de juros em momento de crise. Os atuais 16,5% ao ano devem ser mantidos para evitar uma eventual fuga de capitais em uma onda global de medo. Os juros altos são uma isca para atrair investidores internacionais ao Brasil, que é um país emergente e, portanto, considerado incerto para aplicações. Se os juros básicos são mantidos elevados, taxas de crédito e de empréstimos bancários também ficam inalteradas, comprometendo os planos daqueles que esperavam comprar a prazo mais barato no Natal.

Com juros altos, as empresas perdem fôlego para obter empréstimos bancários em larga escala e podem ser obrigadas a reduzir investimentos por falta de capital. Os efeitos imediatos desse movimento serão a redução do crescimento econômico, a manutenção do índice de desemprego bem acima de 7% e a diminuição do ritmo de recuperação da renda dos trabalhadores.

Cada ponto percentual na taxa básica significa um gasto governamental entre R\$ 1,2 bilhão e R\$ 1,5 bilhão por ano com o financiamento da dívida pública. Esse dinheiro é pago a terceiros que compraram títulos brasileiros. Como vai desembolsar mais recursos para honrar compromissos, há risco de redução em investimentos do governo em setores como saúde e educação, por exemplo.



EXPORTAÇÕES

Petróleo caro significa mais gastos com exportações. Se um país gasta mais em petróleo, terá de cortar gastos em outras áreas — ou seja, precisará reprimir compras de bens e serviços de parceiros comerciais para não apresentar déficit na balança comercial. Ou seja, terá que controlar os gastos para ter capital interno capaz de financiar sua economia. Parceiros dos Estados Unidos e Europa, Brasil e países da América Latina saem perdendo se os "ricos" reprimirem consumo. Os países pobres exportariam menos e teriam menos arrecadação de impostos para investir em seu bem-estar interno (estradas, educação, saúde) por exemplo.